



2212 - Pôster - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

PROFESSORA SIM, TIA NÃO: UM DOS ESPECTROS DE LUZ QUE PAULO FREIRE TRAZ SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE
Luciana Naldino - UFPR - Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O presente artigo busca apontar alguns pontos significativos da extensa obra do autor Paulo Freire, focando principalmente, em seu livro 'Professora Sim, tia não; cartas a quem ousa ensinar' destacando a importância da profissionalização docente e a prática pedagógica como ato político, e mesmo tendo passado duas décadas, ainda está profundamente atual.

Palavras-chave: Docência. Profissão. Professor

INTRODUÇÃO

No livro 'Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar' o autor Paulo Freire realiza muitas observações que visam desvelar a teia que tenta obscurecer a importância da profissionalidade docente, revelada pelo ato pedagógico de aprender e ensinar, como possibilidade de emancipação humana. Nos dias atuais, a direita conservadora vem torpedeando a pedagogia freireana na tentativa de ofuscá-la e desqualificá-la, como possibilidade de manutenção de um processo de escolarização que tem alienado nossos educandos e educandas. Nesta obra, o autor traz à tona algumas qualidades indispensáveis ao seu exercício docente emancipatório.

Com esse enunciado provocador Paulo Freire tenta desmistificar a profissão docente com o termo de parentesco de tia. Para ser tia basta ter sobrinhos e não ter nenhum compromisso com o ato pedagógico, mas para ser professora é necessário um conhecimento mais específico, científico e uma preparação mais apurada, que resulta na construção da identidade e profissionalidade docente.

Este estudo tem como objetivo discutir sobre a profissionalização docente, sua valorização perante a sociedade, algumas qualidades do professor e sua ruptura com a hegemonia dominante, através do ato político de educar.

DESENVOLVIMENTO

Paulo Freire lança o seu livro Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar em 1993, e mesmo tanto tempo depois continua sendo surpreendentemente atual. Nessa obra, questiona principalmente a valorização da profissão docente perante a sociedade, e inicia-se, de imediato, com a indagação do termo tia, usado para identificar o profissional da educação.

Freire busca distanciar a imagem da professora, que é uma profissional, que está cercada de afazeres e conhecimentos específicos para o exercício de sua profissão, que se empenha com ardor por uma sociedade mais igualitária, da visão pacífica da tia querida que não ousa participar de greves ou paralisações sindicais para não prejudicar os seus sobrinhos.

Recusar a identificação da figura do *professor* com a da *tia* não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da *tia*, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à *lei*. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental do *professor*: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente. (FREIRE, 1997, p. 9)

Paulo Freire não pretende diminuir o papel da tia na sociedade, mas aceitá-lo seria remover do professor o seu compromisso profissional que faz parte da sua formação político-pedagógico. Desta forma tenta revelar qual é a ideologia presente no consentimento de se colocar a profissão de professor em redução ao parentesco de tia. Porém, percebe e considera o direito de seu leitor de querer permanecer eminentemente cativo em tal situação.

Nessa compreensão de mundo, Freire coloca a importância de aprender e ensinar, de compreender e não decorar. Mostra que para se ensinar existe sempre um preparo anterior, um momento de aprendizagem.

O professor quando vai ensinar sempre acaba aprendendo e realizando uma releitura de como aprendeu aquele conteúdo que foi assimilado, reavivando, dessa forma, a sua memória. Desse modo, tem a oportunidade de examinar e modificar suas formas de inter-relacionar-se com o mundo que o cerca. E para isso é necessário que o professor se atualize buscando formações permanentes para que aproxime, cada vez mais, o seu planejamento de sua atuação concreta; a sua convicção teórica de seu exercício prático efetivado com seus alunos, realizando constantemente uma análise crítica de seu fazer.

Esse processo de sempre aprender e ensinar, implica em constantemente ter a necessidade de muito estudo e leitura. E este é um desafio a ser vencido, tanto pelos professores quanto pelos alunos. Principalmente a leitura crítica, que se opõe à mecânica, a qual tem como preocupação apenas decodificar os códigos, os signos, onde meramente repetem-se sons sem compreendê-los integralmente, dentro da conjuntura em que se apresentam.

Para vencer esse desafio da leitura é necessário que a escola estimule invariavelmente os alunos a lerem com criticidade, a compreenderem

o texto e o contexto em que a escrita se apresenta, e oportunizando momentos de formação para seus professores.

Esse trabalho é desafiador, árduo, e requer persistência, tempo e paciência. Mas que deve ser vencido, não deixando com que o medo, a insegurança de não alcançar os objetivos propostos paralise ou faça com que o professor e o aluno desistam desta caminhada. É necessário ter ânimo, energia, disciplina para vencer o medo e estudar.

Quando se estuda, parte-se da premissa que algo não sabemos, ignoramos. A partir desse ponto de vista, a todos que pretendem participar dessa aventura do aprendizado, é necessário uma virtude essencial ao processo educativo: à humildade.

A humildade que, entrelaçada com outras virtudes necessárias ao professor progressista, embasa este processo de não se posicionar nem acima e nem abaixo nas relações que desenvolve, principalmente nas práticas que ocorrem entre professor e aluno na escola.

A humildade que pode ser percebida de uma forma subjetiva, como por exemplo, através de um olhar, o tom de voz ou através de uma leitura corporal da pessoa que a reflete. Nessa humildade um dos fios que a tece é a amorosidade, que muitas vezes é roborada através do cuidado despendido ao processo de ensinar, demonstrado, seguidamente pela coragem de anunciar os desmandos sócios- políticos- pedagógicos que são impostos, de cima para baixo, aos alunos e professores, pela hegemonia dominante. Essa coragem advém da segurança de sua competência científica, lucidez política e sua ética posta na decisão de coloca-la em prática, mantendo-se sempre uma postura de respeito ao outro, através da tolerância e de sua parcimônia verbal, que é o encontro do equilíbrio entre a paciência e a impaciência na fala do educador.

Todas essas virtudes devem impulsionar o educador a perceber a importância de sua prática e de buscar lutar contra os desmandos políticos com entusiasmo, para que se mantenha a força e a unidade através da alegria, lembrando-se, sempre, que a 'educação é um ato político' (FREIRE, p.58).

Como ato político, o docente progressista deve ter como objetivo a formação de um sujeito crítico, que aprenda a dialogar com o outro, sempre respeitando os limites éticos.

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate. O gosto do respeito à coisa pública que entre nós vem sendo tratada como coisa privada, mas como coisa privada que se despreza. (FREIRE, p 60.)

Atitudes respeitadas devem ocorrer desde os primeiros dias de aula, onde tanto o professor quanto o aluno sentem, vivem, uma expectativa pelo novo que há de vir. Dúvidas e inseguranças são comuns, naturais, que devem ser consideradas e vencidas através de atitudes respeitadas e democráticas sobre as diferentes culturas que se encontram na escola e principalmente na relação docente- discente. Todas essas relações que ocorrem no ambiente escolar e fora dele devem instigar uma nova forma de pensar e ser, proporcionando relações libertadoras.

Lembrando- se que o respeito não significa a adequação às outras formas de pensar e agir, e sim o seu reconhecimento. Percebendo que o diferente, é somente diferente. Não é melhor e nem pior do que as outras formas de pensar e agir, ou seja, culturas diferentes devem ter o mesmo espaço de voz na sociedade, e isso começa no micro contexto das salas de aula. Pois é na sala de aula que as diferentes crenças, costumes, valores, culturas e classes sociais se encontram. É no exercício da prática pedagógica que o respeito e a tolerância se efetivam.

Freire deixa claro que a classe dominante tem por objetivo manter uma certa distância da classe dominada, para que se possa perpetuar o poder nas mãos centralizadoras de poucos, e portanto, continue disseminando a mentira da inferioridade, subjugando as classes oprimidas.

Freire acredita no poder da escola para transformar uma sociedade, sabe que a escola sozinha não pode modificar a realidade, mas reconhece que o papel da escola e do professor é uma é peça fundamental para transformar uma sociedade opressora em uma sociedade democrática.

CONCLUSÃO

Nessa obra Paulo Freire busca desvendar o poder da hegemonia social dominante, principalmente na educação, onde busca com uma prática opressora, reprimir a maior parte da população, para que se continue mantendo as formas políticas e sociais presentes no país. Um livro escrito na década de 90, mas que infelizmente em meados do século XX, mas precisamente nos anos 2017/2018 continua atualíssimo.

Freire coloca esta situação de diversas maneiras, mas principalmente, através da linguagem utilizada socialmente, onde compara o professor como um familiar. Neste contexto Freire cita a autora Maria Eliana Novaes onde ela se posiciona dizendo "*professora-tia*" é mais um capítulo da luta contra a tendência à desvalorização profissional representada pelo hábito, que se cristaliza há cerca de três décadas, de transformar a professora num parente postizo. (1997, p.8) , descaracterizando a importância , o preparo e o profissionalismo que essa função exige. Esse tema se mostra crucial, tanto que dá o título ao livro.

Também é colocado os diversos desafios e qualidades que implicam em ser um professor ou professora que busca participar de forma atuante para produzir uma sociedade mais libertadora. Uma dessas qualidades é a humildade, '*a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros*'. (FREIRE, p.37)

Dessa forma, pode-se concluir que esta obra é essencial, como leitura obrigatória, na formação de professores, pois esclarece os diversos obstáculos e nuances que ocorrem durante o ato de ensinar.

Os educadores progressistas precisam convencer-se de que não são puros ensinantes – isso não existe – puros especialistas da docência. Nós somos militantes políticos porque somos professores e professoras. Nossa tarefa não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe, da história. Implicando a seriedade e a competência com que ensinemos esses conteúdos, nossa tarefa exige o nosso compromisso e engajamento em favor da superação das injustiças sociais (FREIRE, 1997, p.54).

Lembrando-se sempre, que a educação é uma das ferramentas importantes que transpassa os sujeitos para que a transformação da sociedade aconteça.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.